

Shardollah

13-3-1922



22

Setembro
1923

Ilustração Portuguesa

2.^a SÉRIE

N.º 918

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SÉCULO»

Redacção, administração e oficinas
RUA DO SÉCULO, 40 — LISBOA

Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HES-
PANHÁ: Trimestre 13\$00, semest. 26\$00
Ano 52\$00 — COLONIAS PORTUGUEZAS:
semest. 28\$50, Ano 57\$00. — ESTRAN-
GEIRO: Semestre 36\$00, Ano 72\$00.

DENTES ARTIFICIAES

Extrações sem dor, corôas
d'ouro, dentes sem placa.

R. EUGENIO DOS SANTOS, 35, 1.º



AGUA, CREME E PÓ D'ARROZ

Rainha da Hungria

Para a Beleza e Higiene da pelle, dando-lhe um avelludado e frescura incomparavel.
Não é untoso. As senhoras que o usam tem uma pelle ideal

TONICO VILDIZIENNE

O tesouro dos cabellos

Faz crescer os cabellos
Cura a caspa, a canice, a calvicie e todas as doenças de couro cabelludo em todas as idades
e em todos os casos.

TINTURA VILDIZIENNE

Instantanea. A melhor e a mais rapida do mundo.

Depilatorio Vildizienne

O unico de resultados sorprendentes, garantidos e rapidos.

Depilatorio electrico radical e inofensivo

O unico que tira progressivamente os pellos para sempre, o melhor do mundo.
Resposta, mediante estampilha, á

Academia Scientifica de Beleza

DIRECTORA — MADAME CAMPOS

AVENIDA, 23

Teletone 3614-N.

INSTITUTO NACIONAL

DE

Ensino por Correspondência

LISBOA

Os melhores cursos de Escrituração e Contabilidade

Para conseguir um bom lugar no comercio bastam 1 ou 2 m zes de estudo
feito em casa. Tals são as enormissimas vantagens dos cursos; professados no
Instituto Nacional de Ensino por Correspondência, L. Trindade Coelho, 6, Lis-
boa, que tem alumnos em todo o continente, Ilhas, colonias, B. azi, Estados
Unidos da America e outros palzes.

Enviem-se gratuitamente todas as condições de matricula e prospectos con-
tendo os melhores testemunhos da rapidez, eficacia e economia dos cursos
referidos.

AS MÃES QUE GUIDAM da saúde do
seus filhos aconselhamos a
Farinha Lactea Cister, unico alimen-
to completo e que, pelo seu es-
merado fabrico, aliado á modicidade
do seu preço, rivalisa com as es-
trangeiras. A venda em todas as
mercearias, farmacias e drogarias.
Pedir amostras aos depositarios:

BORGES, MARQUES & C. Lda

R. ARCO BANDEIRA, 159

MELINA

O melho e mais flocz

MATA-FORMIGAS

Vende-se em toda a parte,

Depositarios gerals:

Fernandes, Almeida & C., Lt.ª

RUA DO LARGO DO CORPO SANTO, 10, 1.º



TODOS OS "SPORTS"

DISPUTOU-SE no passado domingo uma das grandes provas de nataçào—a corrida da meia milha—e mais uma vez houve ensejo de se apreciar o incremento que este sport tem, ultimamente, tomado no nosso meio.

Na doca de Belem, que o sr. ministro da marinha amavelmente cedeu para a realizaçào da prova, encontrava-se uma numerosa assistencia, que sobremaneira interessada seguiu as diversas fases da lucta.

Apenas uma contrariedade esbateu um pouco o entusiasmo dos assistentes: Antonio Soares e Alves Miguel, respectivamente primeiro e segundo classificados na travessia de Lisboa não compareceram á chamada, perdendo-se assim as magnificas scenas da lucta, que, se duvida, se travaria entre eles e o vencedor da prova, oesplendiço na dador setubalense Faustino José Sant'Ana.

Faustino José conseguiu com esta victoria, que, aliás, lhe foifacil, inscrever pela terceira vez o nome do seu club—Victoria Foot-Ball Club, de Setubal—na base da *taça Gimnasio Club Portuguez*, que ficou na sua posse definitiva.

Faustino José correu muito á vontade fazendo o percurso em 20 minutos, 33 segundos e dois decimos.

A classificaçào geral foi:

1.º Faustino José Sant'Ana, do V. F. C., em 20' 33" e 2/5;
2.º Carl S huler, do C. N. N., em 22' 6" e 1/5;

3.º Francisco Luiz d'Almeida, do C. P. A. C., em 23' 0" 1/5;

4.º Emilio Hidalgo, do C. S. P., em 25' 33" e 2/5;

5.º Luiz Carlos Reis, do S. A. D., em 25' 58" e 2/5;

6.º Luiz Lorenna, do C. P. A. C., em 26' 6" 1/5;

7.º Francisco Afonso dos Santos, do S. L. B., em 26' 10";

8.º Alcino da Silva Martins, do C. E. N.' do Porto, em 27' 38" 2/5.

9.º Cesar Paulo da Costa, do C. P. A. C., em 28' 6";
10.º Carlos Alberto Cruz, do S. L. B., em 28' 6", e 1/5;
11.º Anibal Cordeiro, do C. P. A. C., em 29' 17" e 2/5;
12.º Macario Rocha Diniz, do C. N. N., em 30' 10";
13.º Manoel Paiva, do G. C. P., em 30' 10" 1/5;
14.º Francisco dos Santos, do C. P. B. C., em 36' 2".

Faustino José foi ainda premiado com uma medalha de *vermeil*, tendo sido dadas duas de prata aos segundo e terceiro classificados e conferidos diplomas aos nadadores que acabaram o percurso.

Da arbitragem encarregou-se João Formosinho, e dos cargos de juizes de partida e chegada, respectivamente Luiz Rego e Alberto Souza Lino.

—A seguir á disputa da prova de meia milha realizaram-se varios desafios de *water-polo*, no ultimo dos quaes se encontraram as primeiras categorias do Sporting Club de Portugal e do Sport Algés e Dafundo.

O jogo era esperado com muito interesse pelo antecedente empate que os dois *teams* tinham feito.

Na verdade jogou-se bem, havendo mesmo muito boas fases, terminando o encontro por outro empate, tendo cada um dos adversarios marcado 1 bola a seu favor.

Em segundas categorias o Sporting Club de Portugal bateu o Sport Algés e Dafundo por 3-1.

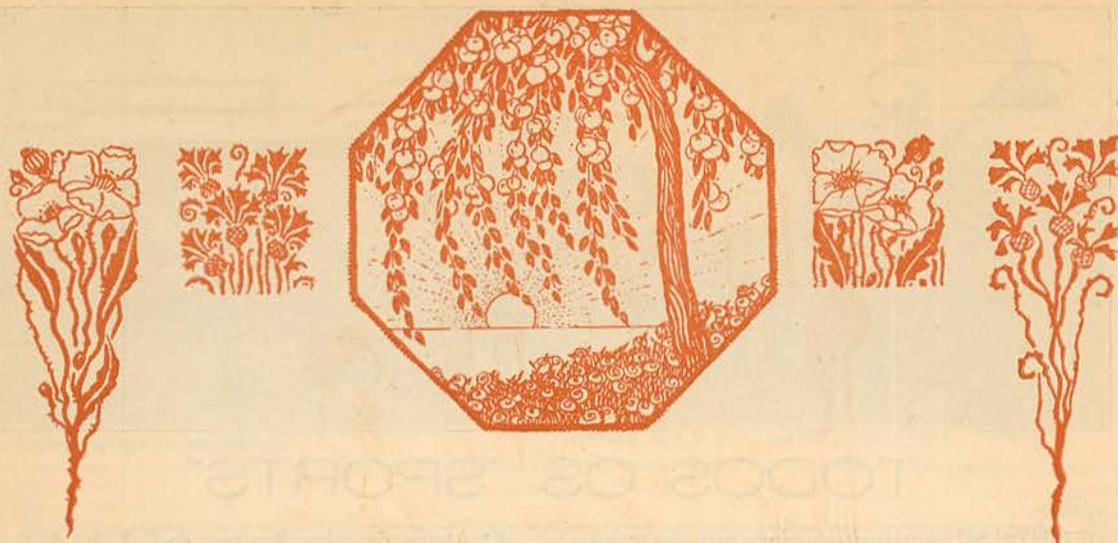
O encontro entre as terceiras categorias do Sport Algés e Dafundo e Caravelinhos Foot Ball Club foi anulado por se ter escangalhado o rectangulo.

Nas provas do Concurso Hípico das C. da Rainha (1.º e 2.º dias) ficaram colocados em 1.º lugar: José d'Almeida, na *Omnium*, José J. Moraes, na *Nacional* e J. Latino, na *Discipulos*.

D. C.



Team do Vilanovense Atletico Club, de Vila Nova de Tavem, constituído pelos srs., (da esquerda para a direita): 3.º plano, Raul Saraiva, José Pessoa e Americo Alves; 2.º plano, A. Veloso, J. E. Corte-Cabral e Rui Pires; 1.º plano, F. Coelho, Francisco Alexandre, José Saraiva, Henrique Cabral, (capitão) e Germano Marques



Silva Poetica

MIRABILE VISU

Uma vez só te vi remotamente,
Corpo gentil, estatua de museu!
Num extase devoto, o olhar fremente,
Julguei que o sumo bem seria meu!

Todo o passado belo se perdeu!...
Ficou-me essa visão alvinitente,
Que o Destino cruel me concedeu
Para a ter sempre em mim e sempre ausente!

Ao findar esta vida tormentosa,
Um só anseio lindo me apetece,
Nele minha alma desvairada goza!

Revêr a estatua, que jámais esquece,
Sómente envolta em nuvem vaporosa,
Formada pelos beijos que eu lhe dêsse.

T. A.



ETIQUETA

Deixam-se ao abandono certas questões que muito contribuem, no entanto, para a estética pessoal da mulher e seu porte na sociedade. Assim, tem muita importância, para a sua classificação social, a forma por que entra ou sai duma sala; porque recebe uma amiga ou a cumprimenta; a graça dos seus movimentos e a elegância com que desfronta os olhares, ao penetrar em qualquer lugar publico, etc.

Para despertar aquela sensação de agrado que toda a mulher deve produzir, ao aparecer, indo aos assistentes a ideia de que se encontra no seu meio proprio, muito contribuem a correção de atitudes e o andar gracioso.

Aquella que deseja adquirir este tão necessario pormenor vê-se obrigada a tomar nota de alguns detalhes, aparentemente insignificantes, mas de muito peso, na realidade.

Na muita gente que, ao formar o passo, apoia primeiro o calcanhar no chão, quando o que se deve apoiar em cheio é a parte da frente do pé; tambem, ao dar o passo, se deve curvar muito ligiramente o joelho, endireitando-o logo a seguir, e não desviar muito os pés da linha recta, ao pousá-los.

O corpo todo tem um papel a desempenhar no ritmo do andar. O tronco conserva-se direito, os ombros alçados para traz, a cabeça levantada de forma a olhar a direito; o movimento parte das ancas, permitindo-se aos braços uma ligeira oscillação.

Ao sentar, tambem devemos seguir algumas regras, taes como colocar um dos pés um pouco na frente do outro e deitado para fóra, havendo todo o cuidado de não os voltar para dentro, nem os meter debaixo da cadeira, pois ambas essas posições demonstram uma grande falta de sociedade.

As mãos são habitualmente pousadas no regaço; contudo, a etiqueta permite que se encostem ao de leve aos braços ou nas costas de uma cadeira, contanto que as deixemos cair naturalmente no regaço, antes de nos levantarmos, afim de que, ao pormo-nos de pé, os braços retomem a sua posição natural sem constrangimento.

Quando de pé, o peso do corpo deve ser distribuido com igualdade para ambos os lados, collocando-se o pé direito um pouco para a frente e deitado para fóra, a fim de estabelecer um equilibrio harmonico.

Agora algumas palavras sobre a forma de receber visitas. Ao entrarmos na nossa sala, para cumprimentar quem nos vem ver, abramos de par em par a porta por onde penetramos, avancemos com vivacidade, tendo nos labios um sorriso agradável, de modo a dar ao visitante a impressão que foi bem-vindo.

A dona da casa não deiza afrouxar o interesse da conversa e, decorrido algum tempo depois da chegada, manda servir um chá ligeiro, mas apetitoso. Quando o visitante se quizer retirar, insta-se delicada, mas não teimosamente, para que se demore mais algum tempo; porém se ele insistir no seu proposito, chama-se a creada por meio de um timbre, dizendo-lhe que acompanhe a visita até a porta, a não ser que se trate de qualquer pessoa a quem se deseja distinguir excepcionalmente ou então — os extremos tocam-se — de qualquer amigo muito intimo. Nesses casos, somos nós proprios que a acompanhamos a porta.

No que respeita a apertos da mão, a moda tem-se intrometido no assunto com o seu acompanhamento habitual de ridiculos e exageros, porém, actualmente, a simplicidade reina nesse departamento como na maioria dos outros. Estende-se a mão de maneira que esta fique ao nivel do cotovelo e aperte-se a que nos é estendida, sem exageros, nem de força nem de frialdade.

Permutam-me os minhas leitoras uma observação. A fórmula «Como está?» que acompanha o aperto de mão, não requer resposta. É apenas um cumprimento, sendo portanto injustos os reparos que tenho ouvido, ás vezes, sobre a educação das pessoas que não respondem a essa pergunta.

DE RASPAO...

Pegou num jornal francez e leio as seguintes linhas:

«Travessia do Sahara» — Quatro quilometros antes da nossa chegada a um dos poços do Hoggar, duzentos came-

los surgem no horizonte. Todos brancos, são montados por guerreiros tuaregs.

Os homens atiram ao ar lanças agudas, acompanhando os seus movimentos com gritos estridulos. Subito, num arremeco brusco, deteem-se em frente dos carros e o rei do Hoggar, destacando-se, vem saudar os viajantes; as suas tropas, avancam, escoltando respeitosa-mente os exploradores e afastamo-nos todos, embrenhando-nos no deserto...»

Não leram, as minhas leitoras, um lindo romance de Pierre Benoit chamado «A Atlantida», que nos transporta ao Hoggar? Este quadro real não destoaria naquelas paginas de ficção.

LIMONADA INGLEZA

Preparam-se cuidadosamente as cascas de 6 limões, lavando-as e tirando-lhes bem todo a pele branca. Deitam-se para um jarro e cobrem-se com bastante agua a ferver. Tapam-se e deixam-se arrefecer. Põe-se ao lume um tacho com 125 gramas de assucar e meia chicara de agua. Quando tiver tomado o ponto de perola tira-se do lume e, estando frio, espreme-se-lhe para dentro, a sumo dos limões, juntando a agua em que estes estiveram de molho. Prova-se e, se a limonada estiver muito forte, acrescenta-se-lhe mais agua.

No caso de se desejar ter sempre em casa limonadas, pód seguir-se o seguinte processo:

Põe-se um tacho ao lume com 2 quilos de assucar e 1 litro de agua a ferver. Deixa-se estar em ebulição uns 15 minutos. Tira-se do lume e quando estiver frio juntam-se-lhe 50 gramas de acido citrico bem pulverisado e misturado com uma colher para chá de essencia de limão. Depois de tudo mesclado, deita-se para um frasco limpo e seco, rolhando-o bem. Quando se quizer tomar um refresco, deita-se um pouco da mistura num copo para agua e junta-se-lhe agua ou sifão, como melhor se gostar. A limonada, assim feita, é deliciosa.

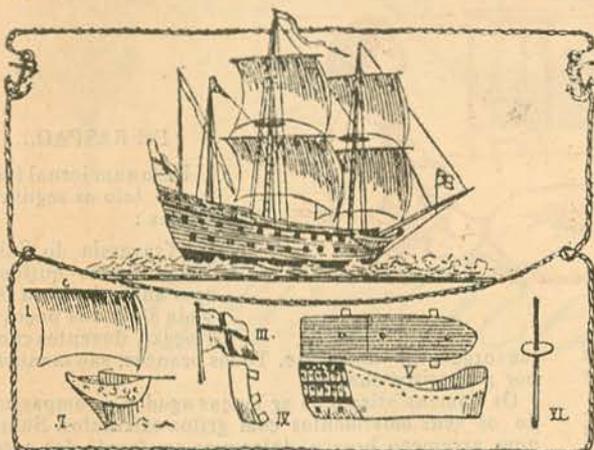
CALENDARIO DA SEMANA

Setembro — 30 dias

- 23 — Domingo — S. Lino.
- 24 — Segunda feira — N. S. das Mercês.
- 25 — Terça feira — S. Firmino.
- 26 — Quarta feira — S. Cipriano.
- 27 — Quinta feira — S. Cosme.
- 28 — Sexta feira — S. Venceslau.
- 29 — Sabado — S. Miguel Arcanjo.

BRINQUEDO ORIGINAL

Hoje em dia os brinquedos atingiram preços tão altos que os filhos de famílias remediadas muito poucas vezes se podem dar ao luxo de entrar numa loja desses artigos, a não ser que tenham apenas em mira recrear os olhos. Mas as crianças que não se desconsolam, porque ha muitos brinquedos facéis de fazer e que, ao di-



vertimento da brincadeira, juntam aquele da sua execução. Quasi sempre estes objectos teem uma feição interessante e original.

Por exemplo: a nossa gravura representa um galeão antigo. Os primeiros requisitos são um pedaço comprido de madeira, para a base e, uns bocados de cartão branco liso.

A embarcação não precisa ter fundo, porque a armação é grudada á taboa e será facil meter a mão dentro quando se estiver adaptando o convez.

O desenho V mostra como se faz o casco, ou corpo do barco. O convez adapta-se com pedacinhos de papel gomado das estampilhas. O desenho IV mostra a peça da proa.

O convés, coloca-se em dois pedaços, nas posições indicadas pelas linhas ponteadas do desenho V.

Os mastros fazem-se de pausinhos pontegudos e as velas, de papel fino, com tiras delgadas de cartão pegadas a goma, ao longo das bordas superiores. (Ver desenho I.) A meio dos mastros colocam-se pedaços redondos de cartão. (Desenho VI.) As cordas são de fio de algodão e as bandeiras de papel. (Desenho III.)

O que se chamava o «bico» do galeão faz-se grudando tres bocados de cartão (como no desenho II) á pópa do navio.

Póde-se pintar o galeão com tintas de aguarelar

misturadas a água de goma. Os navios do seculo dezaete eram muitas vezes pintados a azul e cõr de laranja.

PARA A ROUPA DESBOTADA

Quando a roupa estiver muito desbotada, pelo sol ou por lavagens mal feitas, pode-se empregar muito eficazmente a seguinte agua:

Dissolve-se 1/2 quilo de borato de sodio em 3 dcl. de agua a ferver, juntam-se 750 gr. de cloreto de calcio e deixa-se arrefecer. Cõa-se por um trapo velho e entrasca-se. Em cada cinco litros de agua fria, deita-se uma colher de chá deste preparado, e mete-se ali a roupa na vespera da lavagem. No dia seguinte lava-se, na forma usual.

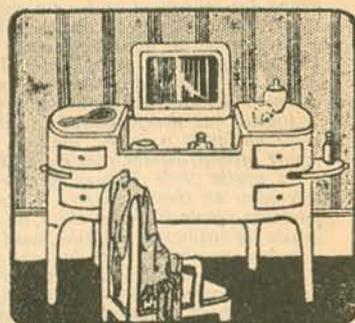
Esta mistura só deve ser utilizada no caso da roupa estar muito desbotada e ás manchas.

UM TOUCADOR MODERNO

O mobiliario moderno cada vez se simplifica mais e se torna mais facil de executar, segundo os nossos proprios desenhos. A gravura representa um dos modelos que mais voga teem tido, nestes ultimos tempos, pela sua grande praticabilidade, junta a uma elegancia sobria que agrada a toda a pessoa de gosto cultivado.

Este toucador é essencialmente util para as casas pequenas, em especial para as de campo, porque póde servir tambem de mesa.

Os objectos proprios para a «toilette» feminina colocam-se no espaço central, podendo o espelho fechar como uma tampa, quando não estiver em serviço, formando assim a meza. Dos lados saem umas prateleiras deslizantes que, recolhidas, servem de ornamento.



PENSAMENTOS

Nada se teria feito, na vida, se o homem não conseguisse medir o tempo. Contar o tempo é o estimulante, a razão maior da vida.

João do Rio.

Amar é deixar de viver em si, para viver em outros seres.

Aristóteles.

Sexta feira

Almoço

Assorda de pimentos
Bifes panaaos
Cacau

Jantar

Sopa de aletria
Pregado cozido com
molho branco
Alcatra assada no forno,
com esparregado de
alface
Pudim de arroz

MENUS DA SEMANA

Segunda feira

Almoço

Ovos com presunto
Corcova cozida com
grêlos de couve
Cacau

Jantar

Sopa de macarronete
Arroz em pudim, com
parmeseo
Chispe com feijão
branco
Doce nenoso, ae maça

Terça feira

Almoço

Arroz de pimentos
Terrina de vitela
Ovos au gratin
Café ou chá

Jantar

Sopa de azedas
Pastéis de miolos
Lombo de vitela assado
com batatas congeladas
Pudim de cereja

Quarta feira

Almoço

Linguado recheado de
carne
Almondegas com mol-
ho de fricassé
Cacau

Jantar

Purê de hortaliça
Fatiás recheadas
Carneiro estufado com
feijão verde, á inglesa
Doce de chocolate

Quinta feira

Almoço

Arroz á valenciana
Costeletas de vitela
com salada de tomate
Café ou chá

Jantar

Sopa de pão com feijão
frade
Pescada guisada
Frango córado com sa-
lada de pepinos
Arroz de leite, amendo-
ado

Sabado

Almoço

Peixe de d'alhada
Omelete enfolada
Café ou chá

Jantar

Sopa de grêlos de
couve
Pescada frita
Carne de vaca á fran-
cesa
Pudim de passas

DOIS ALMOÇOS DE HOMENAGEM



Convivas ao almoço oferecido, no dia 18 de agosto, na foz do Liz, por alguns industriais de Vieira de Leiria, à direcção da União do Professorato Primario e ao enviado especial de O Seculo ao Congresso Pedagógico de Leiria



Socios da Associação Naval 1.º de Maio da Figueira da Foz que, ha dias, ofereceram um almoço de homenagem, naquela vila, ao sportman lisboeta sr. Candido de Oliveira, o qual igualmente figura no grupo, ao centro

God Save The King

(HINO INGLEZ)

ANDANTE *p dolce*

The first system of musical notation consists of two staves. The upper staff is in treble clef with a key signature of one flat (B-flat) and a 3/4 time signature. The lower staff is in bass clef with the same key signature and time signature. The tempo is marked 'ANDANTE' and the dynamics are 'p dolce'. The music begins with a series of chords in the right hand and a simple bass line in the left hand.

The second system of musical notation continues the piece. It features two staves with treble and bass clefs, maintaining the B-flat key signature and 3/4 time signature. The dynamics remain 'p dolce'. The melody in the right hand continues with various chordal textures.

The third system of musical notation shows further development of the piece. The two-staff format is maintained. The right hand part includes some more complex chordal figures and rests.

The fourth system of musical notation continues the composition. The two-staff format is consistent. The right hand part features a mix of chords and melodic lines.

The fifth and final system of musical notation concludes the piece. It consists of two staves with treble and bass clefs. The right hand part ends with a final chordal structure.



Anarquista

ROBERTO era pobre. Parecia feio porque não tinha nada a iluminar-lhe a vida. A miséria que o isolava e lhe dificultava os estudos derramava-lhe n'alma um odio intenso, sempre crescente, contra todos os homens felizes e ricos.

Saira da sua terra a tentar fortuna, mas na cidade alegre e douta em que se encontrava, coroada de violetas como Atenas, que o irritava com os seus encantos e o seu sol, ainda mais se exacerbava a juvenil anarquia do desgraçado. De fato coçado e rosto emagrecido, apenas encontrava acolhimento nas tabernas dos bairros afastados, onde outras creaturas, pobres como ele, de olhar em chama, iam beber um vinho que queimava.

Numa delas travou relações com alguns refugiados de Barcelona que ao saberem-no tão ousadamente revoltado, apesar dos seus vinte anos, e já versado em sciencias, lhe confiaram os projectos que acalentavam de destruição social. A vida despreocupada que passa ligeira não entrava nunca na taberna onde Roberto começou habitualmente a encontrar-se com os seus amigos. Era um esconderijo de sombrios sonhos, de amarga alegria oculta, feita menos da criminosa grandeza do fim em mira do que do perigo em o prosseguir.

Certa noite, Roberto encontrou a taberna fechada e a porta guardada pela policia. Dera-se um atentado em Barcelona e ordens haviam sido transmitidas para a prisão dos frequentadores da casa e do proprio taberneiro.

—Eu vingarei os camaradas, murmurou Roberto.

Alugou então num bairro excêntrico uma miseravel agua furtada, especie de palheiro onde a luz entrava apenas por uma claraboia de quatro vidros meio desconjuntados e instalou ahi, furtivamente, uma bateria de laboratorio, comendo apenas pão seco a fim de poder comprar em segunda mão os aparelhos necessarios, os ingredientes e os livros de que precisava. A noite escondia-se no seu buraco e lá dormia, sózinho, magro, minado cada vez mais pelo seu odio inconfessavel.

Havia ocasiões em que o fumo do forno que construiu empastava todo o bairro.

O fumo que sae pelas chaminés é como que a alma das habitações. Só quem tem vivido em pontos altos sabe conhecer o segredo desta psicologia aerea.

Ha fumos, ingenuos e azues como *écharpes* de anjos, que sobem direitinhos para o céu; ha-os, louros como amores, que se desdobram no azul em requieiros de voluptuosidade; ha-os ainda carregados e torvos, que se arrastam

e que pesam como pensamentos indignos... e outros negros, medonhos, que põem manchas de crime na atmosfera dos mais formosos dias.

Roberto passava noites em claro no seu sótão, procurando, segundo o sonho do pessimista alemão, o explosivo capaz de arrazar o mundo ou, pelo menos, a injuriosa cidade. Ora, naquela uova habitação, dependencia de antigo palacio a desabar que tinha abrigado dois seculos de preconceitos e de *ancien régime*, habitava com uma desgraçada mulher sua mãe, certa rapariguinha vendedora de flores, chamada Ida. Todos os frequentadores de cafés do bairro a conheciam e todos teriam preferido os seus labios ás suas flores, mas Ida era muito séria.

No entanto, á força de encontrar na escada, todas as tardes quando recolhia, aquele rapaz pensativo que olhava para ela sem a vêr com os seus grandes olhos cheios de febre e de misterio, o coração de Ida perturbou-se. Os seus lindos dezesseis anos despertaram para o amor. Um ar de sofrimento secreto, a obscura irradiação do sonho interior davam a Roberto qualquer coisa de romanesco e de atraente. Ida entregou-se á doçura daquele amor ignorado. Sem que o rapaz nunca desse por tal, multiplicou as ocasiões de o encontrar. Arranjava-se melhor, procurando tornar-se mais formosa. Ele porém passava sempre sem reparar n'ela.

Uma noite em que voltava para casa com um ultimo ramo de violetas que não tinha vendido, em vez de parar no andar em que a mãe já estava dormindo, Ida galgou os ultimos lances de escada que a separavam do sótão. Batia-lhe o coração com violencia. Na verdade, que ia ela fazer?

—Se eu pendurasse as violetas no puxador da porta? dizia consigo.

Atravez da fechadura via-se luz dentro do quarto. Ida espreitou. Deante de uma meza carregada de tubos, de copos e de frascos, Roberto curvado, de olhos ávidos,

boca entreaberta num riso silencioso, examinava um cadinho cheio de uma massa cinzenta. Sem saber porquê, a pequena sentiu medo. Não tinha feito o mais pequeno ruído, sustivera a respiração, mas apesar disso Roberto ergueu os olhos. Depois, num movimento alucinado, levantou-se, correu para a porta e abriu-a. A rapariguinha, com as flores a mão, permaneceu imóvel.

—Que fazes tu ahi? perguntou ele.

Até que enfim me viu, pensava Ida.

Vens mandada pela policia? A pequena empalideceu e não pode responder.

—Entra!

Puxou-a para dentro do quarto e fechou a porta, sem nunca deixar de olhar para ela.



—Conheço-te. Comprei-te ha tempos um pequeno ramo de violetas para dar a uma mulher que m'o recusou. Lembras-te? Não...

«Para que vens espionar-me?»

—Oh! exclamou a rapariguinha e poz-se a chorar com a cabeça escondida nos braços, á maneira das creanças. Ele olhou para ela um momento, depois, com um gesto vivo, destapou-lhe os olhos: viu-os dolorosos e sinceros, assustados e meigos.

—Senta-te.

Mas em nome das «ideias» quiz precaver-se contra o sentimento. Havia sem duvida naquelas pupilas de anjo toda a hipocrisia, toda a perfidia da humanidade... Não, não se deixaria comover. Poz-se a pensar que dentro em pouco havia de conseguir achar a formula de salvação e de morte que andava estudando. Podia já quasi calcular quantas horas duraria aquele canto do mundo em que se encontravam...

Ida contemplava-o absorto no seu sonho. Colocara o ramo das violetas na borda da mesa, entre dois frascos. Os vidros da claraboia, que já não tinham massa n'alguns sitios, filintavam com o vento forte que soprava. Passavam estranhos ruidos por entre as telhas do telhado.

Fazia frio. O ar que vinha de todos os lados pelas fendas do casarão inchava os olhos do rapaz e avermelhava-lhe o nariz. Ida notava tudo isso, cheia da piedade do seu grande amor.

De repente, acordado do sonho em que caíra, Roberto preguntou:

—Nunca te interrogam a meu respeito?

—Eu digo que não o conheço.

—Sabes que fabrico bombas?

Ida dirigiu-lhe um sorriso incredulo. Então, vexado, Roberto deu com a mão fechada uma pancada na mesa. De um dos frascos, com o choque, saltou uma pequena porção de liquido que salpicou o ramo. Primeiro espalhou-se na casa um vivo perfume de violetas, depois um cheiro acre e sulfuroso e as flores corroidas tornaram-se amarelas, sem vida.

—Oh! mau, exclamou a rapariguinha.—Sem duvida que na morte das pobres flores ela via a seu modo o fim de um mundo.

No entanto o grito desaprovador da pequena comovera intimamente Roberto. Ele que premeditava destruir uma cidade inteira compreendeu, nesse curto momento, que se podesse chorar por um ramo de violetas...

D'ahi a pouco ouviu-se soar, numa torre proxima, a uma hora da noite.

—Vá-se embora... São horas de recolher a casa...

E quando ela se dirigia para a porta:

—Não volta mais?

—Volto... respondeu ela.

Depois, todas as noites, a pequena voltou. Ouviam-se estalar os degraus, depois a porta abria-se e Ida entrava com o seu lindo sorriso, indo sentar-se no banco que já a esperava. Na

parede lá estava pendurado o ramo das violetas mortas... A's vezes sentia-se tenir na algibeira da rapariguinha o dinheiro da venda das flores.

No centro da mesa via-se um pequeno livro que tratava das nitroglicerinas e das polvoras cloretadas. O anarquista, mudo, combinava misturas e formulas. Gostava que Ida estivesse junto dele, a ponto de não trabalhar sem que ela chegasse. Aquela presença atenta ao seu trabalho tornara-se-lhe necessaria.

Uma noite em que ela se demorou, Roberto saiu para ir ao seu encontro. Sentia-se feliz, de um orgulho sombrio. Sabia, finalmente, a maneira de arrasar a cidade, que era como que a primeira realidade para o nada universal. Acabava com efeito de riscar na palma da mão, em sinais só dele conhecidos, os traços do destino. Não ousara confial-os ao papel e arrecease da sua memoria.

Fôra na vespera, durante a visita de Ida, que ele tinha, emfim, encontrado a grande formula.

No primeiro momento não pudera acreditar na sua terrivel felicidade, mas por fim tivera a certeza. O seu triunfo enchia-o de exaltação. Pensava na taberna espanhola onde outros desgraçados como ele tinham tentado preparar a *revanche*, a suprema justiça. Aproximava-se a hora. Nenhum tirano, até então, tinha albergado no seu peito aquela negra embriaguez de força, aquela realza da morte.

Estava uma noite de vento e de geada. Roberto caminhava, ardo em calor sob o seu pobre fato velho, pelas ruas que Ida tinha por costume percorrer.

Não a encontrou e sentiu-se invadir por uma grande tristeza, uma especie de desanimo que não sabia a que attribuir, mas depressa empolgado pelas suas «ideias» voltou para casa.

A porta da agua-furtada estava toda aberta e sobre a mesa faltava o cadinho. Roberto empalideceu. Tinha lá estado a policia certamente. Devia fugir? Seria ainda tempo?

Um riso cristalino veio tiral-o da sua angustia. Na sombra, de joelhos deante da fresta, tendo o cadinho ao lado, Ida, com as suas mãos delicadas de florista segurava no ultimo pedaço de massa—o explosivo—e tapava com ele as faltas da vidraça.

—Assim, disse ela, já os vidros não hão de tilintar estorvando-o no seu trabalho, nem deixarão passar o vento que o traz sempre constipado.

Roberto poderia ter morto ali a rapariguinha, mas oh! divino amor, não! agarrou-a nos braços, beijando-a apaixonado, e como ao contacto desse beijo, um beijo doido de angustia e de alegria, um beijo de graça e de revelação a pequena se poz a chorar perdidamente, as suas lagrimas caindo na mão do anarquista foram apagando a pouco e pouco e para sempre a formula terrivel de destruição...



(De Léon Lafange.)

Representante em Portugal:

T. RODNEY HATHERLY

Deposito:

Rua Arco da Graça, 58-1.º

(ao largo de S. Domingos)

Lisboa



LOWRIE'S

SPECIAL BLEND OF SELECTED MATURED SCOTCH WHISKIES

PROPRIETORS

W.P. LOWRIE & CO LTD

GLASGOW & LONDON.

Os acontecimentos em ESPANHA



General Primo de Rivera, chefe do movimento e presidente do actual Directorio Governativo.—Primo de Rivera e Santiago Alba (ex-ministro dos Estrangeiros, posto em particular destaque pelo manifesto de Rivera).—O general Primo de Rivera, saindo do palacio real, depois de receber o encargo de organizar governo

(Clichés A. B. C., de Madrid.)

Os acontecimentos em Espanha



Os ministros do gabinete Alhucemas, na estação do Norte, onde foram receber Afonso XIII, à sua chegada a Madrid:
O marquez de Alhucemas (1), Suarez Inclan (2), Salvatella (3), Armiñan (4), Portela (5), Lopez Muñoz (6), Duque de Almodovar (7) e o alcalde de Madrid, sr. Rulz Jimenez (8)

(Cliché A. B. C., de Madrid.)

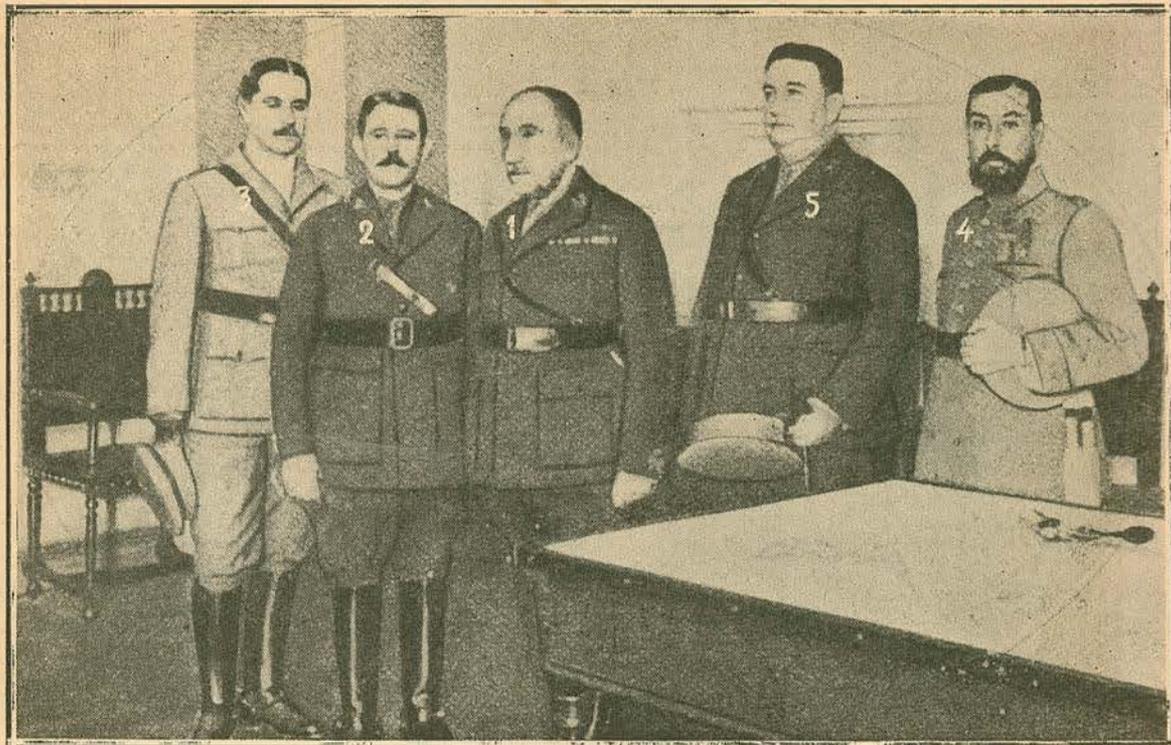


Afonso XIII cumprimentando o presidente do governo pouco depois de demitido, na Estação do Norte, à sua chegada a Madrid

Afonso XIII recebendo os cumprimentos do elemento militar que, em grande massa, o aguardava na Estação do Norte, à sua chegada a Madrid

(Clichés de El Sol, de Madrid.)

Os acontecimentos em Espanha



O Directorio Provisional

O capitão-general de Castilla Nueva, sr. Muñoz Cobo, presidente (1) e os generaes Cavalcanti (2), Saro (3), Daban (4) e Berenguer (D. Fredrico) (5)



O marquez de Alhucemas, presidente do governo demittido, saindo do palacio real, após haver apresentado a demissão do mesmo governo



O general Muñoz Cobo, saindo do palacio real depois de ter recebido a incumbencia de organizar o Directorio que succedeu ao gabinete Alhucemas

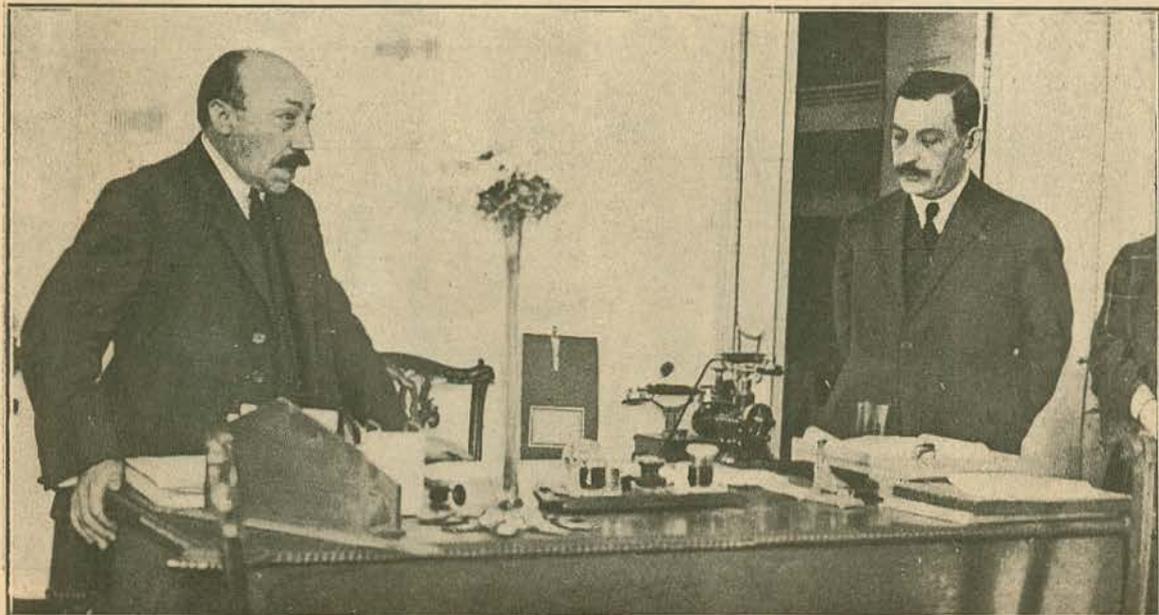
(Clichés A. B. C., de Madrid.)

CASAMENTO ELEGANTE



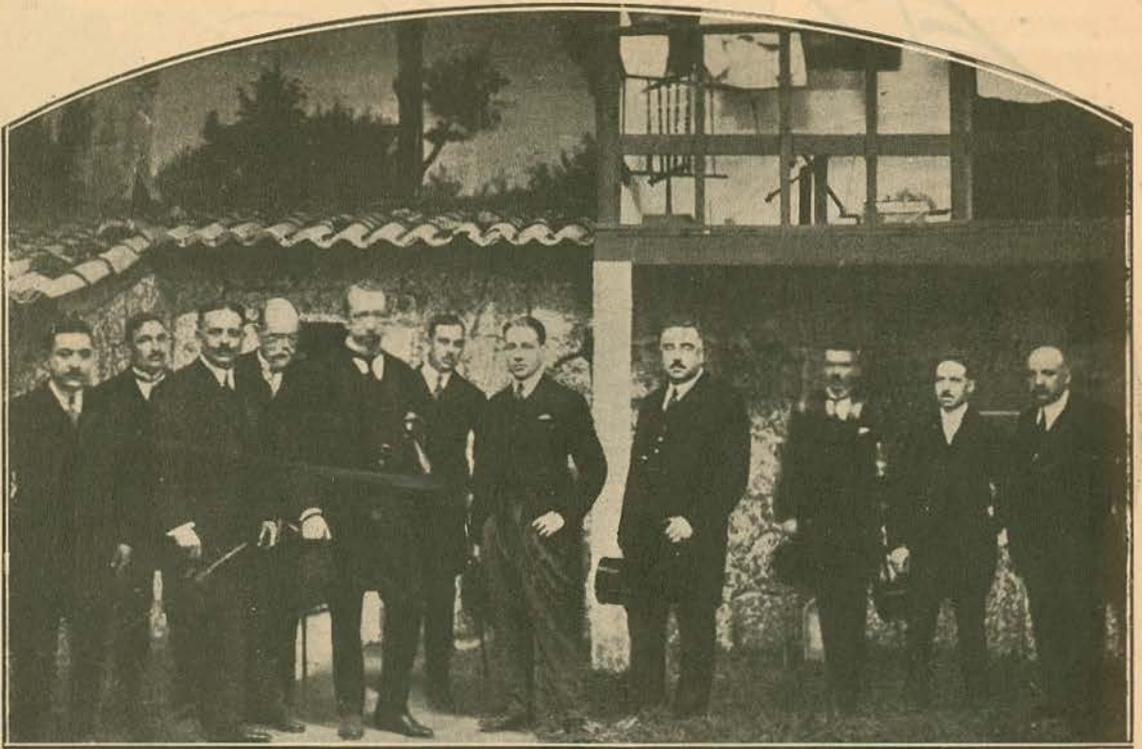
A sr.^a D. Jandira da Rocha Azevedo Sampaio e o sr. dr. Viriato de Freitas Sousa Brandão, cujo casamento se realçou, ha dias, em capela armada em casa da mãe da noiva, a sr.^a D. Antonieta da Rocha Azevedo Sampaio, tendo sido padrinhos: da noiva, sua mãe, e o sr. Sebastião de Araujo, escrivão de direito no 3.^o Juizo de Investigação Criminal, e por procuração, seus tios, residentes no Brasil, srs. Helior da Rocha Azevedo e dr. Alvaro da Rocha Azevedo, illustre ministro da s Finanças do Estado de S. Paulo; e do noivo, sua mãe, a sr.^a D. Maria das Dóres Freitas Brandão, e seu irmão, o sr. Mario de Freitas Sousa Brandão. Foi celebrante o conego da Sé Patriarcal, sr. dr. Lequeira Mora, que proferiu uma sentida allocução, tendo sido servido, apoz a cerimonia, um finissimo almoço a que assistiram 43 convidados. Durante a missa e o almoço tocou um sexteto, composto de distintos professores.

O novo director do Refugio e Casas de Trabalho



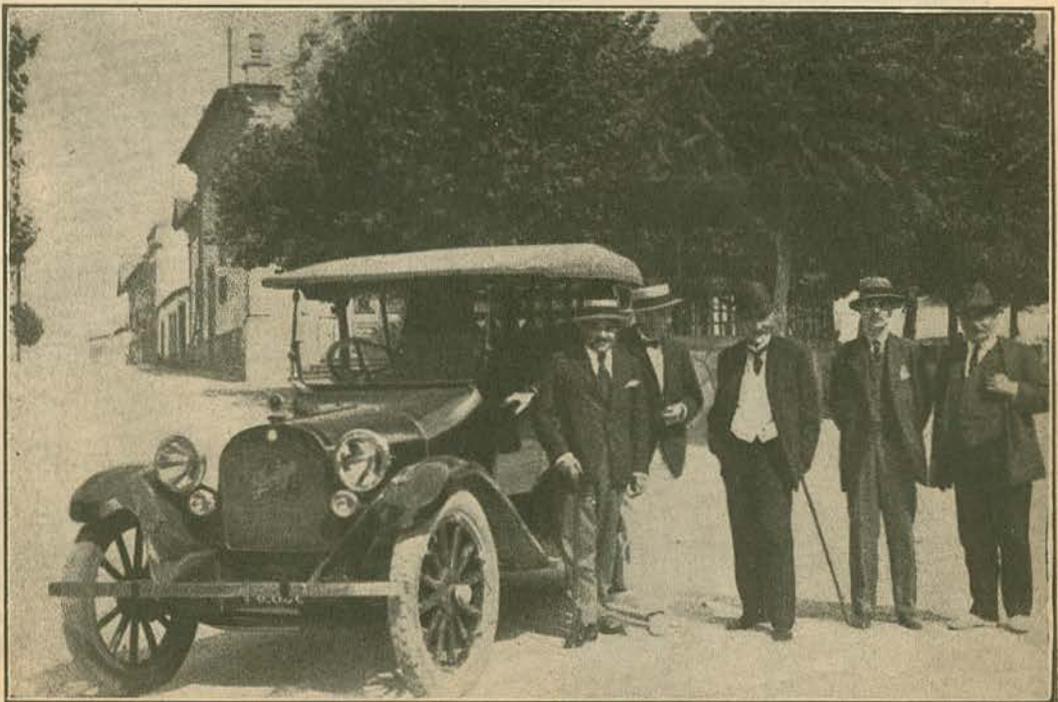
O director interno, sr. Manuel Esteves da Camara (á esquerda) dando posse ao novo director, o illustre amigo e nosso presado amigo sr. dr. Costa Ferreira (á direita), cerimonia esta que se effectuou no dia 23 do corrente (Cliché Salgado.)

A EXPOSIÇÃO DE GUIMARÃES



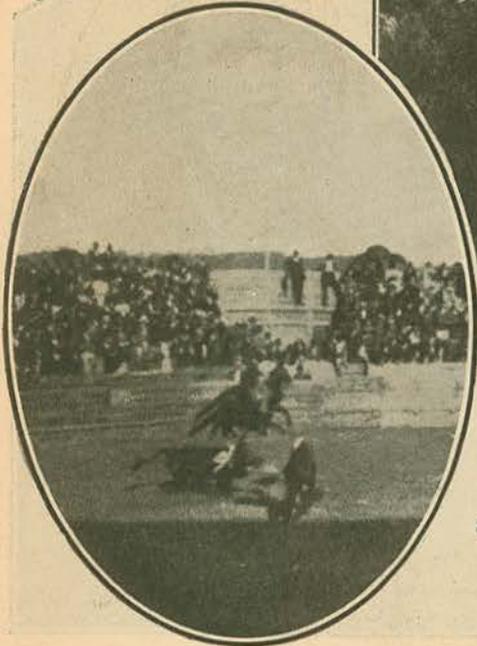
O ministro do Comercio, sr. dr. Queiroz Vaz Guedes, (o 5.º a contar da esquerda) e a sua comitiva, visitando a Secção das Industrias Caseiras, da Exposição Industrial e Agrícola de Guimarães (Cliché Luiz do Souto.)

O LUSOFILO ESPANHOL DR. ALVARO MARIA DE LAS CASAS



Tendo vindo vrnear, com sua familia, no nosso paiz, o lusofilo espanhol sr. dr. Alvaro Maria de las Casas escolheu para a sua vilegiatura a Praia de Ancora, por esta ficar em territorio da jurisdicção do Instituto Historico do Minho. A direcção desta sociedade scientifica foi ali cumprir, henar aquele seu consocio—s é dessa visita o grupo que a Illustração arquiva e em que se vsem (da esquerda para a direita) os srs.: Dr. Alvaro Maria de las Casas, coronel Eduardo Sarmiento, director do Instituto Historico do Minho, Silva Campos, presidente do mesmo Instituto, Julio de Lemos, secretario perpetuo, idem, e dr. Gonzales Casas, advogado, pai do dr. Alvaro Maria de las Casas

A Curia



Um aspecto do lago

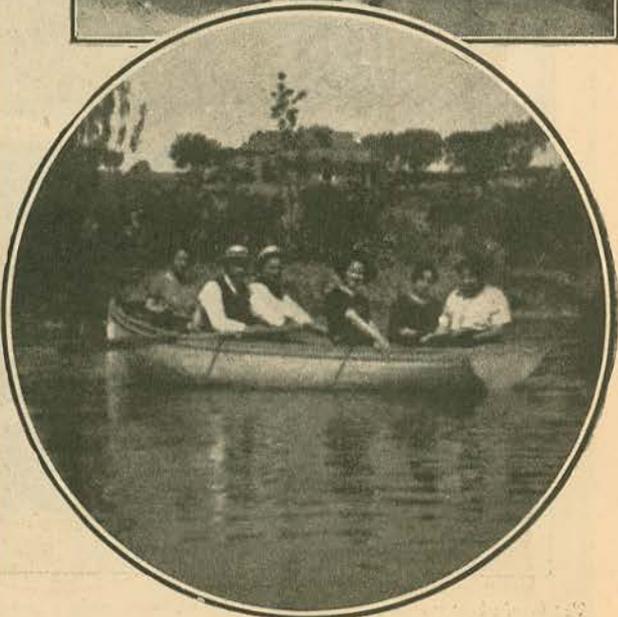
Um episodio da tourada, realizada no dia 15 do mez findo, em beneficio da Misericordia da Anadia



Quatro gentis aquistas, (á direita)



Grupo de aquistas

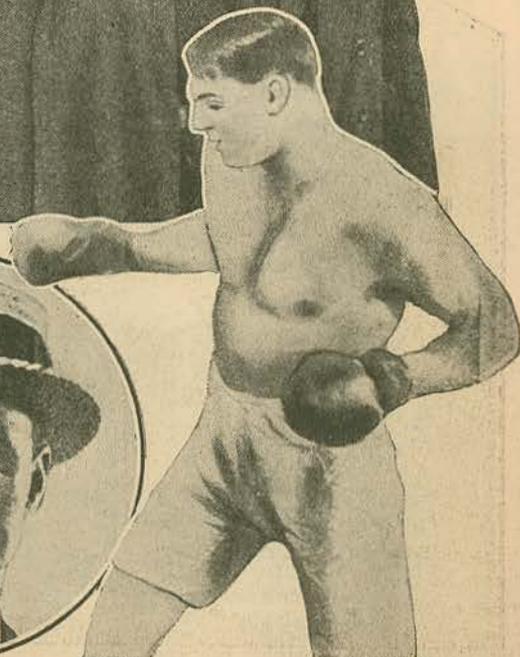
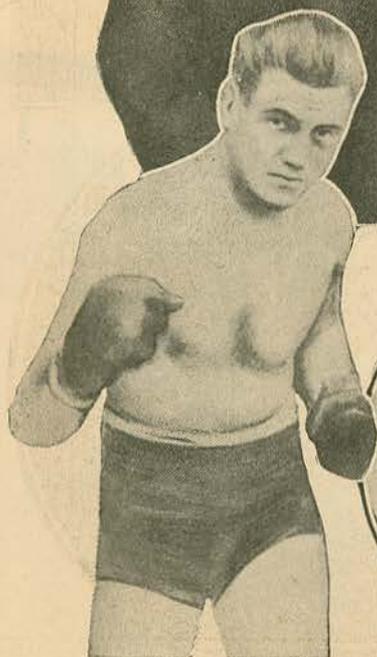
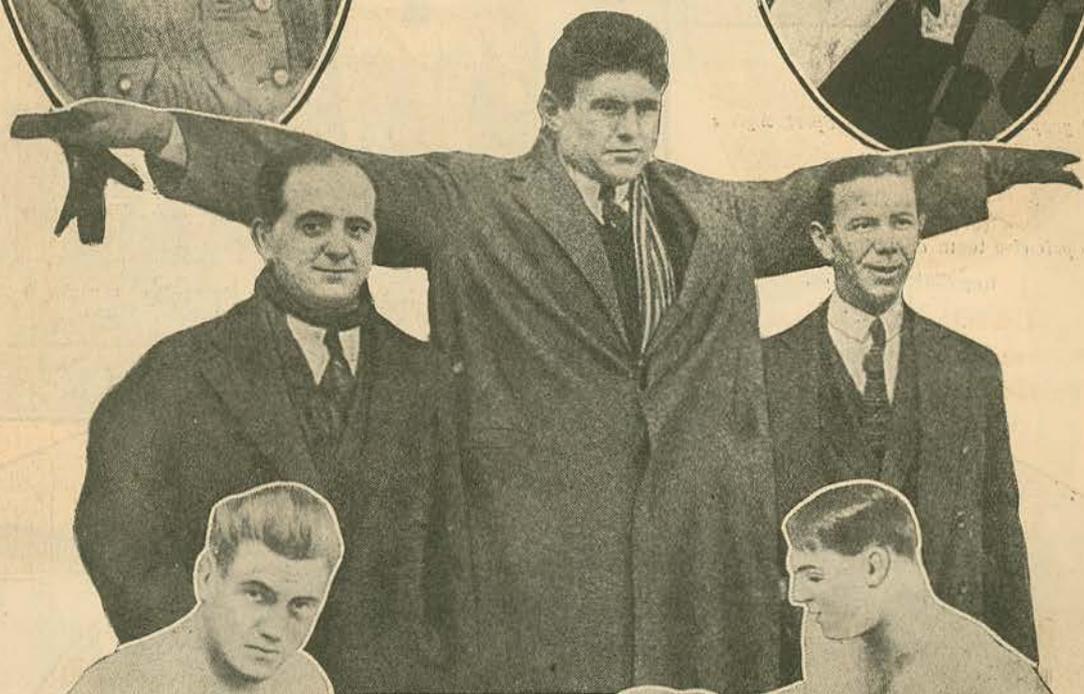


Um passeio de bote antes do almoço (Cúchês Santos Apostolo.)

DEMPSEY MANTÉM-SE INVENCIVEL



Jack Dempsey (à esquerda), actual campeão de *box*, de todas as categorias, que bateu o *boxeur* argentino Luís Angel Firpo, (à direita), no passado dia 14, no Polo Grounds, de Saratoga, aos 56 segundos, do segundo *round*.



Luis Angel Firpo e os seus representantes: Widmes (à esquerda) e Guerrieri (à direita)
Duas atitudes do *boxeur* americano Jack Dempsey
Tex Richard (no medalhão), o organizador do encontro do dia 14

"WATER-POLO"



O grupo representativo do Sport Algés e Dafundo



O primeiro team de water-polo do Sporting Club de Portugal

O ENCONTRO REALISADO NA DOCA DE BELEM, NO PASSADO DOMINGO, EM QUE AS PRIMEIRAS CATEGORIAS DO SPORTING CLUB DE PORTUGAL E SPORT ALGÉS E DAFUNDO FIZERAM O SEU SEGUNDO EMPATE, DESTA VEZ POR 1-1

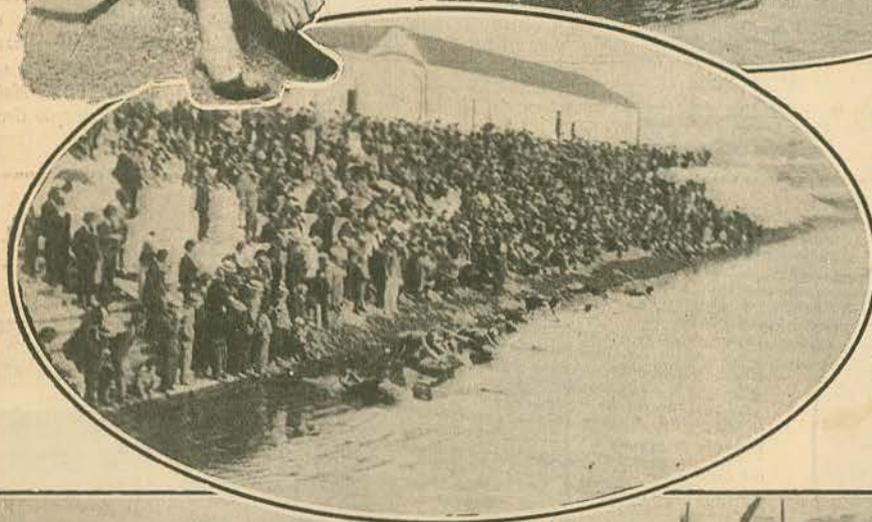


NATAÇÃO

A DISPUTA DA TAÇA GIMNASIO CLUB PORTUGUEZ



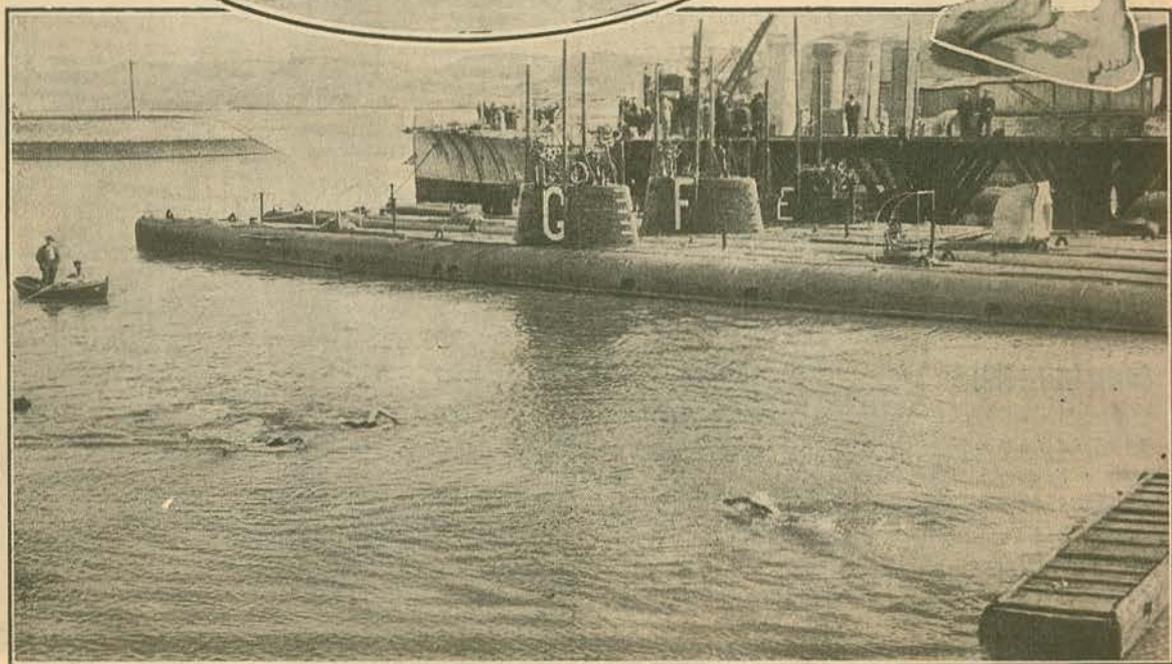
Faustino José Sant'Ana o forte nadador do V. F. C. de Setúbal, que pela terceira vez ganhou a prova da meia milha



Os nadadores alinhando para a partida

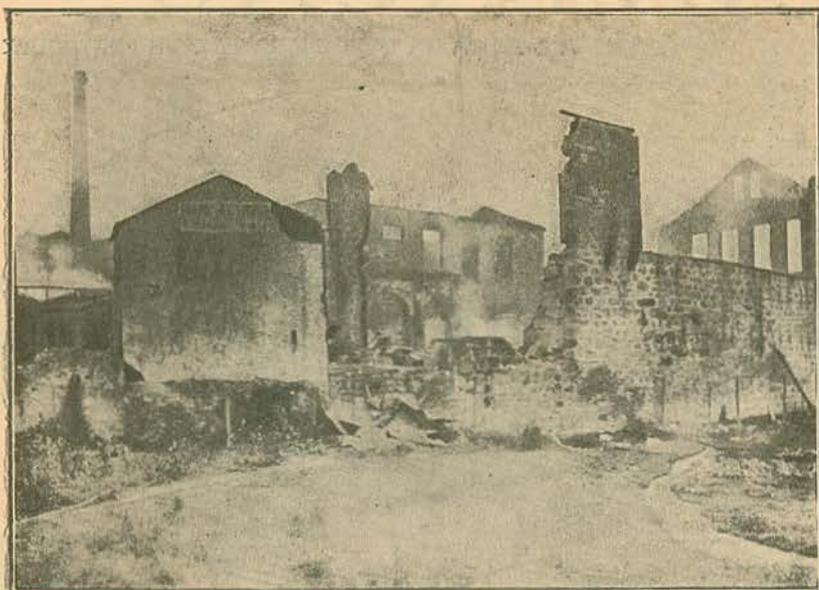
1 largada

Karl Schuller, do C. N. N., segundo classificado



Fabrica incendiada

CRIME DE MORTE



Estado a que ficou reduzida a importante fabrica de cortumes da firma Gaspar R. Cardoso & C.^o, da travessa da Povoá, no Porto, devorada por um incendio no dia 11 do corrente



Artur João Pires Ferreira, 2.^o official dos Correios, desempenhando interinamente o cargo de chefe de secção, que foi assassinado a tiro, no dia 13, pelo seu colega Manuel Correia da Mata, na sede da Administração Geral dos Correios.

General Madureira

Vogal do Supremo Tribunal Militar e acerrimo defensor do regimen de posto, falecido na sua casa de Miranda do Douro, no dia 12 do corrente.

Explosão de bombas, no Porto



Amadeu Tavares Pinto

3.^o official dos Correios e Telegrafos, que serviu em França, na Grande Guerra, como alferes equiparado, contraindo ali a doença que o victimou, em Aveiro, no dia 15 de agosto findo.



A casa da Avenida Saraiva de Carvalho onde se deu, em 11, uma explosão de bombas, que custou a vida a três individuos que se supõe estarem a manipular-as.

"Estrelas" e "Ares" do Cinema



Maria Mosquini,
principal interprete
da
pelicula
Gato verde
da
Pathé

SEGUINDO o exemplo de Irene Castle, Elisie Ferguson divorciou-se em Paris, no dia 26 de julho, de seu marido Thomas Benedict Clark, vice-presidente da direcção do Banco de Harriman, de New-York, com o qual casara em junho de 1916.

Elisie foi quem instaurou o processo alegando que o marido a tratava com indiferença.

Ha já algum tempo que a actriz vive em Paris, parecendo mesmo que ahi pensa demorar-se para a realisação de algumas pelliculas.

Elisie Ferguson nasceu em New-York, trabalhando desde muito nova no teatro, já na interpretação de operetas, já na de papeis dramaticos.

Elisie tornou-se logo notada pela sua extraordinaria formosura, realizando mais

tarde a sua estreia no cinema, contractada pela Famous Players.

—Kenneth Harlan, joven e popular actor norte-americano foi ferido por um tiro de pistola durante a filmagem da pellicula *The Virginian*, na qual interpretava um dos papeis de maior importancia.

A principio julgou-se que a ferida era grave, mas, segundo affirmam os medicos, o artista deve poder dentro de algum tempo voltar a sua vida de studio.

—Luiza Fazenda compron recentemente um pequeno yacht, cuja tripulação só será constituída pelas suas amigas: absolutamente prohibida a entrada de homens a bordo.

—Bull Montana, apesar da sua ruidez fisica, é um sentimental, enamorado das flores e dos passaros.



Percy Marmont,
no papel
de
Mark Sabre
do film
Se chega o inverno,
da Fox



A nova estrela
Rose Stone
num dos seus recentes
trabalhos



H-pe Hampton
no film
Os exploradores de aliro,
da Warner Brothers

Festa de Caridade na Covilhã

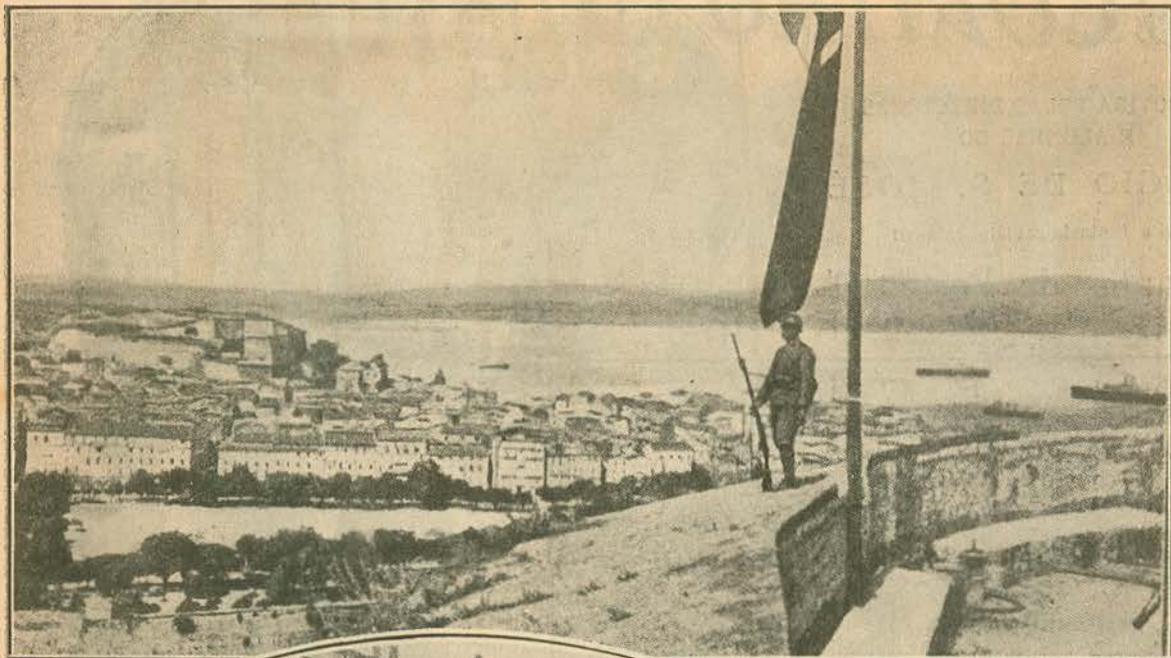


PROMOVIDA PELAS DIRECTORAS
E ALUMNAS DO
COLEGIO DE S. JOSÉ
com a fantasia- revista, infantil
"Encantos de Portugal"



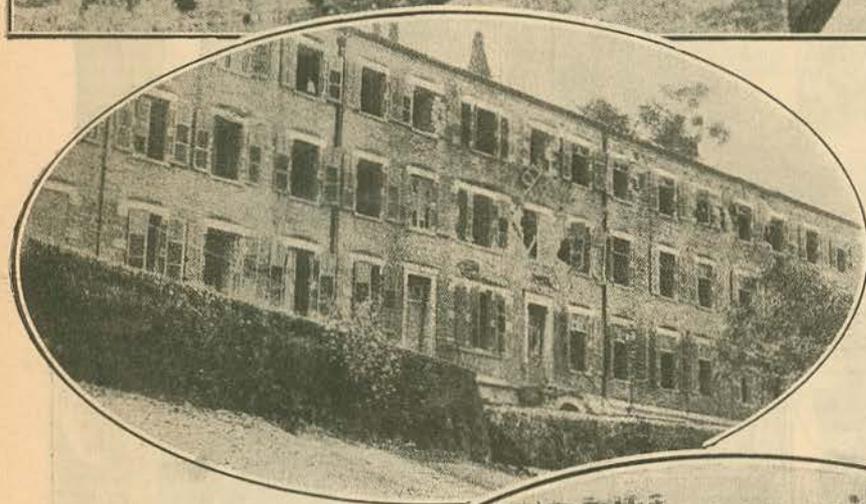
1. D. Maria Josefina Soares Reis, Directora. — 2. D. Conceição Jesus (Geraldês), directora. — 3. «Filhos Patrão que as filhas teve...», apoloise. — 4. Ilda R. Reis Petrucci, (Foto minhoto) e José M. Reis Petrucci, (Capota Alentejano). — 5. Horácio Carvalho Duarte, (Girazol), «compère». — 6. Alberto M. Pinastilgo, (Juízo por maluco). — 7. Rosa Damasceno Rato, (Flor do Tejo). — 8. M. Encarnação Yashko, (Casa de Rosa Damasceno Rato, (Amor perfeito osado). — 9. Alice D. Rato, (Caveas das Galdas), Rosa Rato, (He e Pagineas da História, (color) perfeito osado). — 10. Alice D. Rato, (Caveas das Galdas), Rosa Rato, (He e Pagineas da História, (color) perfeito osado). — 11. Maria Ribeiro, (História de Portugal) e guelha de Colmbra) e Alice F. Amara, (União da Cistra). — 12. Maria Ribeiro, (História de Portugal) e guelha de Colmbra) e Alice F. Amara, (União da Cistra). — 13. Maria Ribeiro, (História de Portugal) e guelha de Colmbra) e Alice F. Amara, (União da Cistra). — 14. Maria Ribeiro, (História de Portugal) e guelha de Colmbra) e Alice F. Amara, (União da Cistra). — 15. Maria Ribeiro, (História de Portugal) e guelha de Colmbra) e Alice F. Amara, (União da Cistra). — 16. Maria Ribeiro, (História de Portugal) e guelha de Colmbra) e Alice F. Amara, (União da Cistra). — 17. A. Victor Machado, autor da revista. — 18. Luiz Petrucci, ensaiador.

O conflito italo-greco

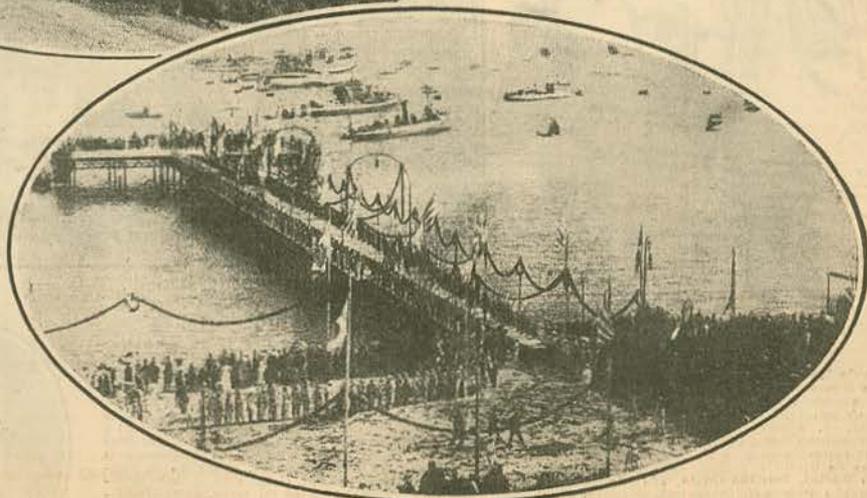


Uma sentinela italiana no a'to da fortaleza de Corfu, onde é também italiana a bandeira que se vê hasteada

Estado a que ficou reduzido o quartel da gendarmerie grega, bombardeado pelos italianos, antes do desembarque em Corfu



Um trecho do porto de Falerio, onde a Conferencia dos Embaixadores resolveu que fosse prestada homenagem, pelos gregos, á esquadra italiana, em desagravo do massacre do Epiro





UMA GRANDE ACTRIS TRANSVIADA DO SEU CAMINHO

Maria Matos, característica distintíssima, caricata soberba, teima em fazer damas galãs e ingenuas! Foi ela agora desenterrar do cemitério dos monos dramaticos uma peça do fecundo general Joaquim da Costa Cascaes, cinco actos com pretensões a critica social e a pintura de costumes mavorticos, e que já em 1869 era uma coisa litteraria e teatralmente inferior, supondo que o publico se comovia com aquelas patacoadas ingenuas e inverosímeis, de romance folhetinesco para sopelras, como se comove e encanta ainda com os delicados e dulçurosos quadrinhos de Julio Dinis. Enganou-se redondamente quanto á cultura, ao instinto, á sensibilidade das plateias, não porque estas menosprezem o teatro de intuitos moralizadores, mas porque *A lei dos morgados* é uma tremenda sensoria, um disparate descompassado, a despeito do seu quarto acto que encerra a decifração da charada na sua parte essencial. Maria Matos iludiu-se, mais uma vez, e a critica, com um desassombro notavel, fez-lhe sentir, de novo, que ella trilhava caminho errado. O que a seduziu na peça do general Cascaes? Nem sequer a personagem de que tomou conta justifica o empenho! Maria Matos, que triunfou nas contraes, que attingiu a celebridade nas velhas de cabelinho na venta, detesta hoje os papéis e os tipos que a celebrisaram, impondo-a á admiração e á estima do publico. Agarrou-se á figura gentil, formosa, resignada e nobre de Helena de Castro e pretendeu vivela. Não lhe falta talento; ainda não ultrapassou os anos em que o estlo cede o passo ao outono; possui qualidades multipas para diversos trabalhos scenicos, mas escassellam-lhe todos os principaes recursos que requerem semelhantes personagens. A critica disse-lh'o agora sem hesitações nem reticencias... A fisionomia, aliás expressiva, de Maria Matos, a sua voz, o seu talhe, a sua estatura não se compadecem com as exigencias de certas criações dramaticas que demandam, a par de graças juvenis, embora sejam simuladas, uma linha fisica coleante, uma expressão ideal de sentimento, uma maviosidade no dizer, uma dose de força emotiva que, por mais que faça, ella não logra transmitir-nos, porque até quando chora parece que nos seus labios e nos seus olhos se acende a chama de um sorriso ironico...

Cre-se que *A lei dos Morgados*, quando representada ha 54 anos no teatro de D. Maria, em beneficio de Teodorico, agradou nomeadamente pelo desempenho que teve. Os dois principaes papéis femininos fizeram-nos Emilia das Neves e Gertrudes, duas artistas celebres e queridas do publico. Maria Matos estava naturalmente indicada para tomar conta da personagem da velha ama, que Gertrudes representou, personagem de uma importancia em nada inferior á outra. Pois preferiu o papel de Emilia das Neves que, não sendo mais difficil, é o de uma joven por quem se apaixonou certo bravo militar e com o qual se consorcia. Não se contenta hoje Maria Matos em ser nova de verdade; quer sel-o em scena e bela e elegante e sedutora e tragica! Eis porque dentro em breve vai interpretar a *Fedora*, de Sardou, felizmente que nas ilhas, porque em Lisboa seria de morreremos de riso. A nossa Maria Matos rivalizando com Sarah Bernhardt e atrevendo-se a pedir meças á interessantissima Vera Sergine que Lisboa ainda recentemente viu desempenhar a princeza russa do melodrama sardusiano! Mas não é só o repertorio da Sarah que a genial interprete do teatro de Gervasio Lobato e Chagas Roquete se propõe reunir ao

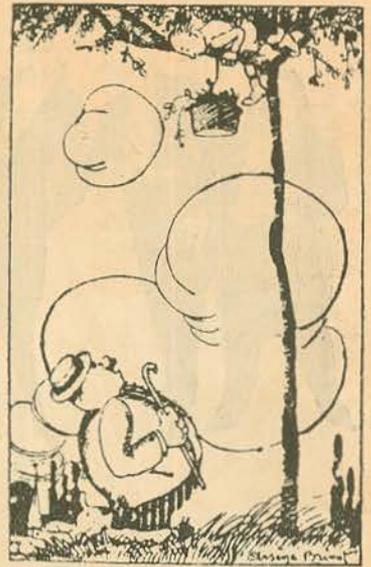
seu. E' tambem o da Duse... *Excusez du peu!* O menos que pode acontecer, desde que se arroje a dar-nos em Lisboa, persistindo numa teimosia incompreensivel, obras teatraes para que lhe falecem condições plasticas e vibratillidade sentimental amorosa, é que deixem ás moscas a casa de espectaculos onde trabalhe. As plateias illustradas, se não se indignam com tamanha desorientação, lamentando que Maria Matos abandone um vasto e esplendido repertorio em que as suas admiraveis faculdades poderiam refulgir, encolhem, piedosamente, os hombros e ficam á espera de que o bom senso artistico reassuma naquele claro espirito o seu antigo ascendente. Maria Matos nutre agora uma estranha repulsa pela farça que a notabilizou, marcando-lhe um logar á parte na scena portugueza. Já numa anterior excursão ás ilhas fez a *Dama das Camélias*... Dispõe-se tambem a fazer, na escursão proxima, a *Fedora*, como já disse, a *Estrangetra*, etc... Consta que representará ainda a deliciosa comedia dramatica, de tão fundo resalbo regional, que se chama *As flores*, uma das obras primas dos Quinteros. Tem nela dois papéis que desempenhará primorosamente: o da pobre mãe dolorosa e o da intriguista de lingua solta e vida mal regrada. E' possivel que Maria Matos prefira interpretar qualquer das personagens juvenis que foram desempenhadas por Amelia Rey Colaço, Ester Leão e Ofelia Brochado... Pois não a vjram no Porto arrostar com a empreza da criação da figura de «Fintje», uma autentica ingenua, protagonista da adoravel peça de Fonson, que foi um grande exito em Paris e na Belgica, intitulada *Fintje a de la vota?* Para que tal insensatez se levasse a effeito contribuiu em certo modo, um velho e desinteressado amigo e admirador da actriz, o meu querido companheiro Avelino de Almeida, sem duvida por uma falta de coragem muito de lastimar. Se não laboro em equivoco, Maria Matos instou com o meu prezado camarada para que lhe traduzisse a peça do actor-autor belga, que a grande critica cumulara de encomios. Aquiesceu o critico teatral, a quem esmoreceu o animo para declinar o encargo, quando Maria Matos lhe disse que se reservava o papel de uma menina, quasi criança, cheia de innocencia e de aspirações artisticas. Teve assim, indirectamente, a sua intervenção n'um estrotrondo desastre, cooperando, decerto com magua, para que a linda comedia fosse sacrificada a um inconcebivel capricho. Avelino de Almeida tinha a obrigação de falar verdade. a mais franca e rude, áquela que tantas vezes exaltou nas suas chronicas dramaticas. Absteve-se, por um excesso de delicadeza, de reprovar o intento da actriz, recusando-se a fazer a tradução de quatro actos, de cujo sumiço pelo buraco do ponto estava antecipadamente certo, desde que ella persistisse em representar de menina formosa e candida. Andou muito mal e não lh'o perdoamos, embora elle não tivesse interesse algum assegurado na effectivação da tarefa. Maria Matos ainda não caiu em si. *A lei dos morgados* o mostra. Mas a critica, numa unanimidade rara, verberou-lhe a insanía. Está a tempo de retroceder no desvairamento e oxalá para honra e gloria propria e do teatro portuguez, ella o faça quanto antes,—o que não parece facil, visto achar-se decidida a armar em Duse e em Sarah... Que tristeza!



SEARA ALHEIA

—Ouve lá, mamã: como foi que percebeste que eu gostava do João?
—Porque não fazes se não falar-me do irmão dele...

(De *Le Petit Parisien*.)



—Desces, gatuno duma figa, ou queres que eu te vá lá buscar?...

(De *L'Intransigeant*.)



—Ao menos levem também estas armas, para que os jornaes não façam troça de mim, ainda em cima!...

(De *London Opinion*.)



—Ainda que mintas, como da outra vez, jura-me que nunca me enganaste?!

(De *Le Rire*.)



O novo-rico—E para onde vae, este ano?...
A antiga rica—O costume. Para a Côte d'Argent...
A nova-rica—Ah! nós não!... Vamos para a Côte d'Or...
(De *La Vie Parisienne*.)



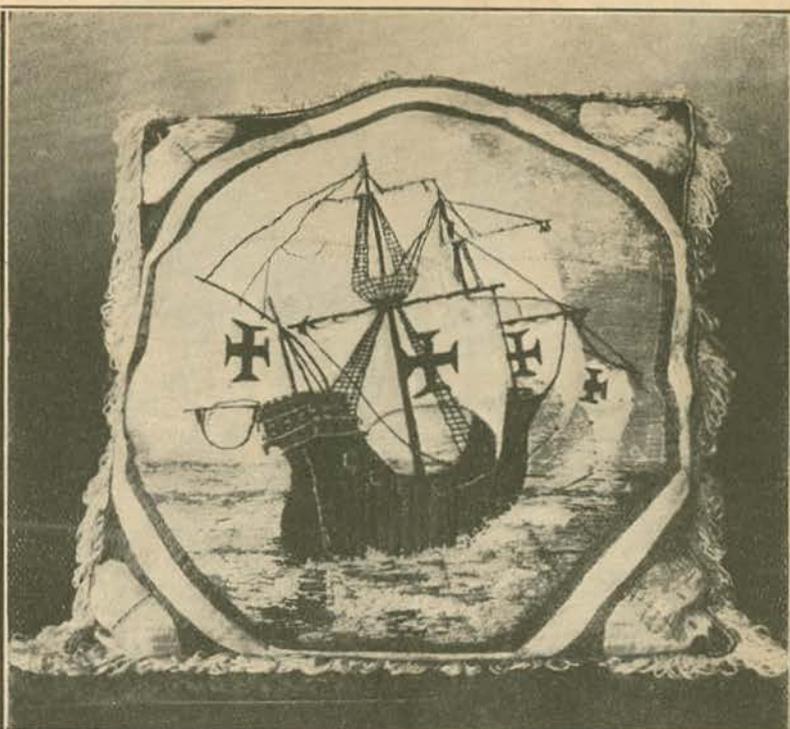
Barcelona e a atração dos forasteiros

O guarda—Por agora é o melhor que temos para mostrar...

(De *L'Esquella de La Tarratxa*.)



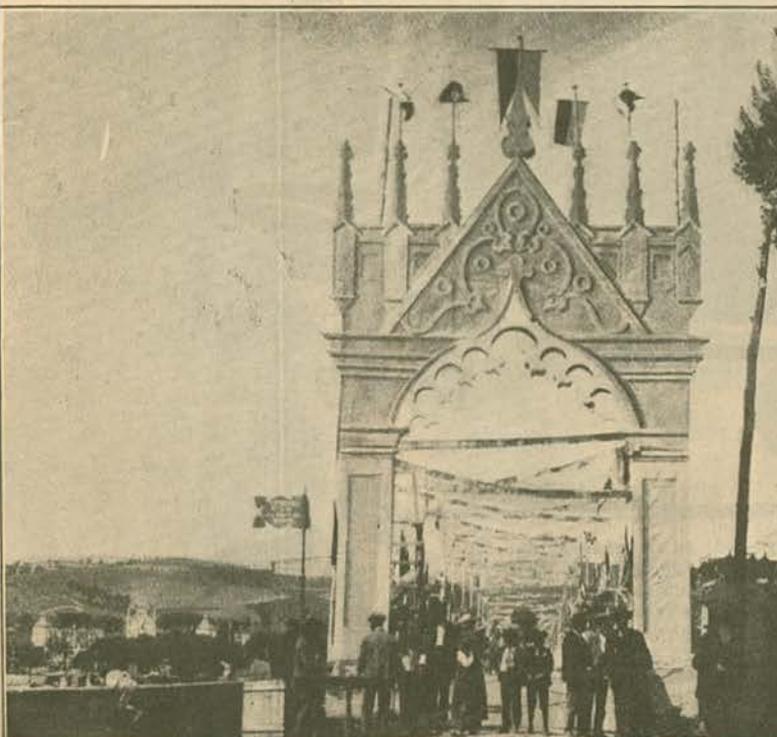
Salomano, o grande volante italiano que venceu, num Fiat, o Grand Prix da Europa, disputado, em 9 de corrente, no circuito de Milão



Almofada, executada pela notável bordadora sr.ª D. Maria Margarida Santos, que figurou entre outros preciosos bordados premiados com medalha de ouro na exposição realizada, no mez findo, nas Caldas da Rainha

FESTEJOS de N. S. do AMPARO, em MIRANDELA

ESTUDANTE DISTINTO



Arco triumphal, projecto do sr. Augusto Borges Guimarães, erguido á entrada da ponte sobre o rio Tua, por ocasião dos festejos realizados no mez findo. A' esquerda, vê-se a capela de Nossa Senhora do Amparo



O menino Herculano Seabra Coelho, filho do sr. Francisco d'Almeida Coelho, premiado com um grand prix, pelo sr. ministro da França, na Ecole Française, onde é aluno distinto

Página Elegante



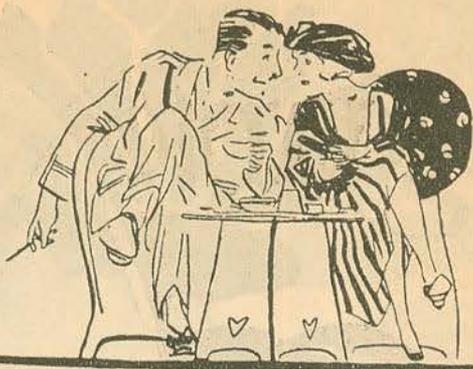
Nas praias e nos casinos, onde as *élites* foragidas das cidades se dão, neste momento, *rendez-vous*, o grande *chic* para senhoras muito novas, é claro, são as *toilettes* em organdi alindadas com bordados feitos à mão ou com sabias e originaes disposições de *petits plis*.
Mas a par desses mimos de leveza e frescura, creados para realce da beleza juvenil, a moda apresenta-nos graciosos modelos compostos com a graciosa *mciré*, leve, sedosa, ondulante, que nos reaparece com léros de verdadeira novidade, tão aprimorada se nos depara a sua



contextura. e devemos convir que, aliada com o diáfano organdi ou a tenaz *mou-seline*, lindamente plissados, esse belo tecido tem uma original elegancia e um atraente aspecto. E como abato, para acompanhar essas *toilettes*, a moda persiste em oferecer-nos as pequenas capas de cortes simples, confeccionadas no mesmo tecido da *toilette*, (salvo quando fór algodão) as quaes se seguram por meio duma larga gola formada por uma tira cujas pontas atem á frente, numa laçada despretençiosa.



AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.

QUEM CANTA, SEUS MALES ESPANTA, por
Abilio de Mesquita

O sr. Abilio de Mesquita reuniu, num volume de 104 paginas, cem quadras setisilabicas, de uma extrema simplicidade e, em geral, de verdadeiro sabor popular. Não accusam genio, nem sequer aquela soma de ineditismo que personalisa um poeta. Algumas, no entanto, encerram belos conceitos e imagens felizes. Ao acaso, transcrevemos:

*Cabelos brancos, vós sois
Um adeus da mocidade;
Cabelos brancos, noivado
Da tristeza e da saudade.*

*O que seria a saudade
Quizeste um dia saber...
E' tudo aquilo que fica
Depois de tudo morrer!*

*As tuas olheiras negras
Dão mais vida ao teu olhar...
Se não fosse a noite escura,
Nunca existia o luar.*

As cem quadras cabiam em menos de metade do papel empregado e conservando uma em cada pagina.

PINA MANIQUE, por Eduardo Noronha

As monografias historicas de Eduardo de Noronha são abundantissimos repositórios de interessantes factos que ele concatena habilmente e nos refere com uma rara amenidade. Este *Pina Manique* estuda a curiosa figura do famoso intendente, que não foi tão mau como o pintaram e que aproveitou os largos poderes de que o investiram para não só exercer com um pulso de ferro a sua missão policial, mas tambem para fundar obras sympathicas e prestantes que ainda agora, em pleno desenvolvimento, rendem á sociedade portugueza—tal o magnifico estabelecimento que é a Casa Pia—admiraveis serviços. Eduardo de Noronha faz, por assim dizer, jornalismo retrospectivo. As mais curiosas occurrencias da época, quer entre nós, quer ao estrangeiro, dá-nol-as o illustre escritor com muita arte, relacionando-as, em reportagens documentadas e vibrantes. São capitulos de um singular valor aqueles em que se faz a historia da fundação e dos primeiros tempos do teatro de S. Carlos que em *Pina Manique* teve um dos seus in ciadores; leem-se com muito interesse as paginas consagradas ao drama de Luiz XVI, ao aventureiro internacional que foi Calioistro, ás divergencias do intendente com o embaixador Lannes, ás providencias de Manique sobre muitas materias ligadas com os progressos nacionaes, etc. Eduardo Noronha, um estu-

UMA GULOSA.—Visto gostar do receitas culinarias e não as podermos pôr sempre na secção, por termos de variar de assunto, para agradar a todos, envio-lhe uma muito boa: Descascam-se 4 tomates crus, que não estejam demasiadamente maduros, e cortam-se ao meio. Dispõe-se tudo num taboleiro com manteiga, mete-se num forno temperado e deixa-se all por uns dez minutos. Quando estiverem frios enfileiram-se numa travessa, polvilham-se de sal e pimenta, e coloca-se, sobre cada tomate, metade dum ovo. Deita-se por cima molho de mayonaise e guarnece-se com alface.—D.

P. B.—A garrafa vulgar limpa-se rapidamente por este processo: Deitam-se-lhe dentro duas colheres de sopa e serradura fina ou de farelo, e sacode-se de maneira que o interior da garrafa fique bem revestido.

Decorrido um minuto enche-se com agua fria, rolha-se e, servindo horizontalmente, faz-se girar. Num curtissimo espaço de tempo a garrafa fica limpa, qualquer que fosse a substancia a que tivesse servido.—D.

«SAUDADE»—Este seu artigo, como lhe chama, tem qualidades que não deve despregar, antes cultivar. O que quer dizer que, por ora, estão... incultas.

Com sinceridade e afirmamos, porém, o nosso convencimento de que estuando, trabalhando e teimando alguma coisa conseguirá, pois escreve com sentimento e uma certa propriedade.

Já é alguma coisa; o resto vem com o tempo.

A PRIMEIRA ILUSÃO.—Se, de facto, é a primeira, aconselhamo-lhe a não provocar mais, insistindo em escrever banalidades e, ainda por cima, com a orthografia a manquejar lamentavelmente.

E perdoe-nos a... desilusão.

dioso que se não dá ferias, possuie opulentos *dossiers* que lhe permitem elaborar estes trabalhos de vulgarização, que o publico acolhe sempre com sympathia e lê com proveito e sem sombra de fadiga. A edição, ilustrada, é da Livraria Civilisação, do Porto.

A. de A.

DE THEATRO — Comemorando a passagem do seu primeiro ano de publicação, esta excelente revista acaba de dar á estampa um numero especial, com variadissima e notavel colaboração, quer litteraria, quer artistica.

Abre o referido numero o *fac-simile* de um documento, do sr. ministro da Instrução, luvando o esforço, em prol do Teatro, que representa a publicação referida, seguindo-se artigos dos nossos mais conhecidos escriptores e copiosissimas illustrações, tambem de caracter teatral.

Finalmente, o numero da *de Teatro* a que nos vimos referendo insere, na integra, o drama *A Filha de Lazaro*, de Norberto Lopes e Chianca de Garcia, recentemente levada á scena, com grande exito, no Politeama, annunciando, já, a publicação de *A Fera*, do sr. Ramada Curto.

Ao director da *de Teatro*, sr. Mario Duarte, felicitamo-lo por mais este successo obtido pela interessante revista.



PAGINA INFANTIL

O CASTIGO



FRANCISQUINHO ERA O TER-
ROR DOS ANIMAIS



PORQUE LHEZ FAZIA TODAS AS
DIABRURAS POSSIVEIS.



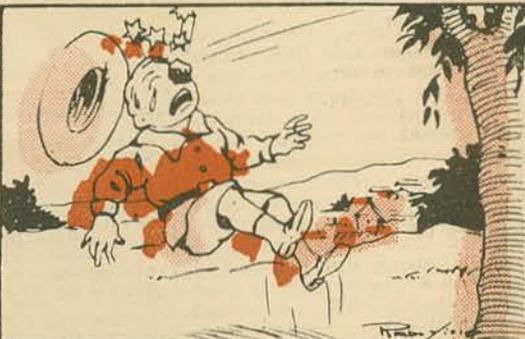
APEZAR DAS ADMOESTAÇÕES
E CONSELHOS DA MÃI



CONTINUAVA NA MESMA, SENÃO
PEOR.



UM DIA LOBRIGOU UM NINHO E
LEMBROU-SE DE O PEDREJAR



MAS A PEDRA, BATENDO NO TRONCO
VEIU DE RICOCHETE AO NARIZ DO
FRANCISQUINHO, MAGUANDO-O BASTANTE

ESFINGIA



A primeira, quinta e sexta
a precederem final,
pode o'receer-vos o inferno
pois é de lá, o fiscal.

Terceira, sétima e quarta,
outra sétima, ao frontão
e mais nona pr'acabar,
dão local, ou região;

E suponho que já chega.
Até já foi demasiado,
pois quando chegou aqui
já o tinha decifrado...

Al d'Encarpi.

Decifrações das produções publicadas no numero transacto:

Enigmas: Ventarola—Patacoada.
Charadas em verso: Bisneto—Viscera.
Enigma pitoresco: Nunca o decifras.
Charadas em frase: Opalino—Jogador—
Guarda sol.
Logogrifo: Eternas felicidades.

ENIGMAS

(Dedicado a «Santo-Mon»)

Não sendo inconveniencia
Apresentar-me sósinho,
Servo de Vossa Excelencia,
Sou *Castita*—o adivinho...

O seu enigma: Telhado,
Fez em mim tal confusão,
Que desejo repellir-o,
Com diferente solução.

O ponto está em saber,
Se o chefe d'esta secção,
O *Zépedro*, nosso amigo,
Está p'los autos ou não.

Por sete letras formado,
E com varias cambiantes,
Tres apenas são vogaes,
E as outras são consoantes.

Da primeira até á sexta,
E todas postas a oito,
Dão coiza que sendo muitas,
Podem formar o conceito.

Prima, quinta e mais a sexta,
Com mais sétima a findar,
Dão o que sob o conceito,
Se pôde também achar.

E d'aqui já não avanço,
Pois não gosto de massar,
N'uma casa o seu conceito
O poderão encontrar.

Castita

(Dedicado ao colega «Luz do Mar»)

E' este enigma leitor
muito simples, muito fraco,
pois não sou intelligente,
nem p'ra isto tenho «caco»

Mas como me deu na «tola»
a fazer um, ao luar,
dou o fero resultado
ao colega Luz do Mar;

Pois ahí vai: nove letras
é o nome todo inteiro
e como é bravo e feroz
só deve usal-o um guerreiro.

Por enquanto mais não digo
porque lhe tiro o valor,
mas, por partes, vou tentar
o meu enigma transpôr.

As duas letras finais
tidas tal qual, como estão,
dão uma nota de musica
e mais uma contração;

Se á sexta, segunda e sétima,
A nona quizer unir,
fica por certo em metade
qualquer coiza que partir.

CHARADAS EM VERSO

Possuem grande valor,
As notas que vou pedir,—1
Dava a vida com amor—1
Se m'as fizessem seguir
Para Deus Nosso Senhor.

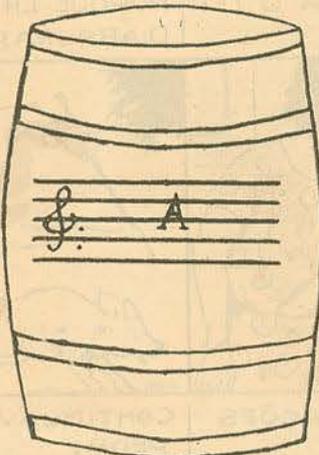
Dots líricos.

Conheço certo sujeito—2
Em Viana do Castelo,
Que a desenhar-nos um plano—3
Mete qualquer n'um chinelo.

Bom amador de charadas,
Mata-as com facilidade,
Mas, de entre todas, só esta
E' a sua especialidade.

Luz do Mar

ENIGMA PITORESCO



Castita

Adiragrama

QUADRO DE HONRA

Alvaro Santos—Tiduj—Pierrette—Luz do Mar—A. It.—Kpl-tão—Ohmlar—Da-a Oculta—C. Sillel—Adiragrama—Aros—Um postal s massinatura—Tia Aldina—Prel Tas—Juc i de Barcelos—Pam—Seugirdor—Ze T ardu—Francisco Franco N. N.—Ra ec—Jub do Sillel—Tio Baldo—Do 16—Dr Pirlau—Sempre fixe—Serrot

Campeões decifradores do penúltimo numero

CHARADAS EM FRASE

O diminutivo do nome proprio de homem, em Aveiro, é vegetal—2—2.

Um grupo de neofitos.

Não quiz a porção que olha para o que estudel no collegio, porque se tornou diplomaticamente astuto—3—1—1—1.

Saraiva da Apulia.

(A «C. Sillel», sobre a sua charada em frase, publicada no n.º 911, da Illustração)

Não anda bem a mulher que estando no Estoril, procura a sorte do jogo antigo—2—1.

Monção

Majogori.

LOGOGRIFO

Além n'aquella colina—10—3—14—18—1—6—12
VI este nobre afamado—1—2—15—4—5—13—18
Praticando certa obra—20—8—9—12
Com o anfibio estimado—5—7—13—14—20—6—17—16—9

E ao concluir o trabalho
E não cança toda chic—11—6—20—5—12
O nobre pousou a obra
Sem o mais leve tremelique...—19—15—4—14—10

O conceito é bem singelo
E não cança muito a vista
—E' o rel dos semanarios
—A mais perfeita Revista.

Aros.

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas na Illustração Portuguesa as decifrações das produções inseridas n'este numero.

—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser enviada ao *Seculo* e endereçada a José Pedro do Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o direito de não publicar produções que julgue imperfeitas.

—Só é conferido o Quadro de Honra a quem envie todas as decifrações exatas, que deverão ser entregues até cinco dias após a saída d'este numero, ás 10 horas na sucursal do Rocio.

—Todas as produções devem vir escritas em separado e os enigmas pitorescos bem desenhados em papel liso e tinta da China.

—Os originaes, quer sejam ou não publicados, não se restituem.